



CCB

ANA

DE JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES
ARTISTAS UNIDOS

ANA DE JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES ARTISTAS UNIDOS

COM SYLVIE ROCHA/ RITA BRÜTT/ ANTÓNIO SIMÃO/ PEDRO LACERDA

CENOGRAFIA E FIGURINOS RITA LOPES ALVES // LUZ PEDRO DOMINGOS

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO JOÃO MIGUEL RODRIGUES // ENCENAÇÃO JORGE SILVA MELO

CO-PRODUÇÃO ARTISTAS UNIDOS/ CCB/ TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA // FOTOGRAFIA JORGE GONÇALVES

“UM HOMEM SÓ NÃO É NINGUÉM. É PRECISO QUE ALGUÉM O CHAME.” B. BRECHT, *UM HOMEM É UM HOMEM*



Uma mulher, Ana, e um homem, Paulo, em casa, num dia de descanso. Ele, apesar de tudo, irrequieto, parece que assustado, não se sabe ao certo com o quê. Ela resolve fazer um chá que o acalme, mas quando voltar a entrar encontrará já outro homem, um que vem de trás, de outro tempo. E o tempo, motor de Ana, continuará a baralhar à medida que formos avançando pelos três dias que fazem por estruturar uma narrativa que se estilhaça e abre. Para o final, uma mulher sozinha, chamando pelo seu próprio nome, à procura de alguém ao seu lado que justifique a existência.

PAULO Não ouviste?

Alguém, lá fora. Não ouviste?

Está alguém lá fora. Escondido lá fora.

Tenho a certeza que ouvi.

ANA Tens a certeza?

PAULO Tenho.

ANA Então vai ver. Vai à janela, vai ver. Abre a porta.

PAULO Não. Não.

Não vale a pena.

O nevoeiro lá fora. Não vale a pena.

Este nevoeiro há um mês, mais de um mês de nevoeiro

não se vê nada

não se vê ninguém

não vale a pena

não se vê nada da janela

mas ouve-se, sim, eu oiço

motores, metal, não sei

passos, às vezes gemidos

tu não ouviste?

José Maria Vieira Mendes, *Ana*

ESPECTÁCULO 13A22 NOV'09

SALA DE ENSAIO . 13/ 14/ 16/ 18/ 19 ÀS 21H . 15/ 20/ 21/ 22 ÀS 19H

EXPOSIÇÃO EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE CENA DE JORGE GONÇALVES, DOS ESPECTÁCULOS DE JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES

PISO 0 / CORREDOR NASCENTE DO PEQUENO AUDITÓRIO - SALA EDUARDO PRADO COELHO

ENCONTRO 22 NOV'09 (DOMINGO)

DEPOIS DO ESPECTÁCULO, JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES ESTARÁ PRESENTE PARA UMA CONVERSA COM O PÚBLICO.

Notas sobre ANA

1. Em *Onde Vamos Morar*, texto que os Artistas Unidos estrearam em 2008, comecei a tentar uma escrita que propunha outros diálogos, um diferente modo de falar em palco, uma tentativa que, segundo me convenci, merecia uma sequela, uma segunda oportunidade. Tinha *Domingo*, um texto curto encomendado pelo projecto Urgências no Teatro Maria Matos, e aproveitei o convite que me foi feito pela Maison des écrivains étrangers et traducteurs de St. Nazaire (MEET), em França, de habitar essa cidade durante 8 a 12 semanas (uma “residência de escrita”), para, usando o que tinha como combustível, escrever nova peça que desde logo propus aos Artistas Unidos que encenassem em Portugal. Foi assim que nasceu *Ana*, entretanto publicado em França e com leituras encenadas em Nantes e St. Nazaire.

2. Em 2001 escrevi *T1*, peça que jogava com a ideia de espaço no teatro. Quatro apartamentos tornavam-se um só, uma transformação permitida pela palavra e não simulada cenograficamente. Com *Ana* quis jogar já não com o espaço, mas com o tempo. Quando falei desta ideia ao Jorge Silva Melo, falou-me ele de um quadro do Correggio – *Leda e o Cisne*, em que se conta o mito do primeiro ao último minuto. Numa tela, Correggio projecta diversas Ledas e Cisnes representando em simultâneo a aproximação, a violação e o voo. E o modo como o faz permite a leitura cronológica mas também podemos optar por ver três cisnes e três mulheres. A linearidade temporal de um espectáculo torna, por um lado, esta tarefa da simultaneidade narrativa, para o escritor, mais difícil (impossível), por outro também, achei eu, abre ainda mais leituras e interpretações, dando lugar à confusão e à nebulosidade. E se o tempo da narrativa deixa de ser identificável, o tempo do espectáculo conquista o protagonismo. Apenas a ele nos podemos agarrar. O princípio e o fim do espectáculo. O tempo entre o abrir e o fechar da boca. Entre a primeira e a última frase.

3. Outro dos resultados desta ambição de escrita foi ter-me deparado com o facto de, não podendo o espectador identificar os vários tempos (o que aconteceu primeiro, o que depois? quem é este, quem aquele?), esta aparente ignorância em que se pode sentir, oferecer-lhe espaço para mais leituras do que as certezas e conhecimento permitem. A vida de Ana, protagonista de *Ana*, não é uma só vida. Podem ser muitas. E isto faz-me sempre lembrar os livros de infância, que se liam com dois dados, em que o leitor decidia para que página queria ir a seguir, construindo não apenas o destino do protagonista, mas também o seu próprio destino enquanto leitor.

4. Heiner Müller “elogiava” o teatro por ser a área da literatura onde podia dizer uma coisa e o seu oposto. Trata-se do lugar da alteridade, da possibilidade de diferentes pontos de vista sem que o autor se veja obrigado a assinar um só. Tem vozes diferentes que o permitem à escrita tornar-se polifónica. *Ana* abdica dessa suposta vantagem. Esta é uma história contada na primeira pessoa. É uma história com um narrador, um narrador incerto, em quem não podemos confiar, mas que é a única voz que podemos ouvir. Voz próxima do “homem da multidão” do conto de Poe, aquele que “não se deixa ler”, e filha desta afirmação que se ouve em *Baal*: “As histórias que se percebem é porque foram mal contadas.” José Maria Vieira Mendes





Um teatro a fazer-se, o de José Maria Vieira Mendes

A pergunta foi simples e foi há mais de dez anos: “Gostas de Kafka?”, o José Maria Vieira Mendes disse que sim. E veio outra pergunta, mais comprometedoras: “E não queres escrever a partir dele? Só para um actor?” Foi daí que nasceu o texto *Dois Homens* (1998), num trabalho divertido e complexo que realizámos na antiga Fábrica Mundet no Seixal, “Sem Deus nem Chefe”, a produção simultânea de cinco pequenos espectáculos orientados cada qual por um actor. E depois desatei a fazer encomendas ao José Maria: “Não queres traduzir Harold Pinter? E Beckett, o “Godot”? E Jon Fosse a meias com a Solveig Nordlund (2000)? E o Brecht comigo (1999-2003)? Ou rever o Pirandello (2008)? Ou o Heiner Müller (2001)? E não queres fazer com o Manuel Wiborg uma versão do *Crime e Castigo* (fizeram duas)? E... Schnitzler, não gostas de *Morrer*? E da *Menina Else*, não queres fazer isso para a Rita Durão?” E ele queria, e fez.

Eram conversas três manhãs por semana, quando o José Maria, o Francisco Frazão e o Pedro Marques trabalhavam comigo n’ A Capital, traduções, revisões, escolhas de repertório, preparação de edições. A ele devo a descoberta de um grande texto, *Facas nas Galinhas*, e de um grande autor (e amigo), David Harrower. E um dia pedi-lhe: “E uma peça original, inventada por ti, mas cuja escrita quero criticar de perto e que me comprometo a montar, não queres (mas olha que não vou estar com meias medidas nem palavrinhas mansas, aceitas)?” E assim nasceu *T1*, um texto aparentemente muito simples, mas bem complexo sobre o espaço, a claustrofobia, a cidade lá fora, em permanente construção enquanto no interior se acumulam ossos de frango... E critiquei se critiquei a obra em andamento, achei que faltavam coisas, que ele podia desenvolver umas, que tinha coisas a mais, analisámos, ensaiámos, vimos outras soluções, estreámos – e eu fiquei contente: durante cinco anos, o José Maria tinha-se preparado e ousava mostrar agora um mundo que era lá dele.

E depois, começou a trabalhar com outros (e às vezes connosco), o Miguel Borges e o Américo Silva em *Se o Mundo Não Fosse Assim*, a Solveig Nordlund com *A Minha Mulher*, o Manuel Wiborg com o inquietante *Aos Peixes*, o Teatro Praga que agora integra. Para nós, escreveu o belíssimo *Onde Vamos Morar* (2008), encomenda que lhe fiz (“já é altura de escreveres uma peça e de eu pegar nela sem te criticar o trabalho, escreve, nem penses no número de actores, escreve o que quiseres que eu, depois, monto-a como se fosses um clássico, nada de trabalho durante os ensaios, uma peça acabadinha, se faz favor!”), peça de cinema como de teatro são os filmes de Alain Resnais.

E agora esta *Ana*, melancólica divagação nos limites da teatralidade, música de câmara muito íntima, cançoneta tão triste, eu meteria *Impromptus* de Schubert se quisesse outra música, mas basta-me a dele, mais pobrezinha, com menos *envolées*.

Pelo meio, ficaram outras coisas, pequenas intervenções em espectáculos colectivos, a *Conferência de Imprensa* e *Outras Aldrabbices* em homenagem a Pinter (2005), o *Breves Textos*



> sobre a *Liberdade* em homenagem a Ibsen (2007), o *Duas Páginas* (2008) evocação de Molière que fizemos na Gulbenkian. Ou pedidos: “E uma encenação, não queres? Um Lagarce, *História de Amor (Últimos Capítulos)* (2007)?”

E pronto, o ano passado a Cotovia editou um volume de mais de trezentas páginas, *Teatro* de José Maria Vieira Mendes (numa colecção onde estão Brecht, Ibsen, Goldoni, ele até podia ter ficado vaidoso, mas não, riu-se...), ele está neste momento a dirigir um seminário em Berkeley e para o ano trabalharemos a *Hedda Gabler* de Ibsen.

Tudo começou no Seixal, onde os mosquitos picavam que nem torcos a cair, naquele quente mês de Agosto de 1998, do outro lado da EXPO. E onde choveu que deus-a-dava no dia da estreia.

E continuou n’A Capital, que os poderes consideraram ser um perigo (se calhar era mesmo, mas não na engenharia, que sete anos depois aquilo não desabou...).

Mas deles não rezará a história, e a nós o que nos consola é ver crescer esta pequena música indizível que o José Maria faz passar entre as personagens, este sussurro, esta hipótese, este dia de amanhã que as raparigas trazem com elas no seu teatro.

Jorge Silva Melo / Outubro de 2008

HISTORIAL Os Artistas Unidos formaram-se a partir do grupo que estreou, em 1995, *António, Um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo. Foi com espectáculos de elenco numeroso, peças sobre o aqui e agora ou outras do passado explicitamente políticas, que se fizeram os primeiros tempos da companhia: O Fim ou Tende Misericórdia de Nós, Prometeu (de Jorge Silva Melo), *A Queda do Egoísta Johann Fatzer* de Brecht, *Coriolano* de Shakespeare. O seminário “Sem Deus nem Chefe”, realizado na antiga Fábrica Mundet do Seixal, em que foram criadas cinco pequenas produções, cada uma coordenada por um actor que nela participava, serviu de ensaio para os dois anos e meio de trabalho n’ A Capital/Teatro Paulo Claro, encerrada pela Câmara Municipal de Lisboa em 29 de Agosto de 2002. Nesse período intenso, a aposta foi na dramaturgia contemporânea: Sarah Kane, Gregory Motton, Jon Fosse, David Harrower, Mark O’Rowe, Xavier Durringer, Spiro Scimone, Jorge Silva Melo, José Maria Vieira Mendes, Rui Guilherme Lopes e Francisco Luís Parreira, entre os portugueses. Escolheram-se clássicos: Melville, Kleist, Kafka, Beckett, Pinter. Foram trinta estreias, vários acolhimentos e co-produções, seminários, leituras encenadas (como as dedicadas ao teatro escocês e neerlandês, ou às obras de Sarah Kane, Arne Sierens,

Antonio Onetti). Com o fecho d’A Capital, depois de apresentarem *Baal* de Brecht, os Artistas Unidos mudaram-se para o Teatro Taborda, onde estiveram até Junho de 2005. Ali revelaram autores como os Irmãos Presniakov, Anthony Neilson, Davide Enia, Jean-Luc Lagarce; insistiram em Pinter, Scimone, Judith Herzberg, Jon Fosse, José Maria Vieira Mendes; e lembraram Joe Orton e Jacques Prévert. Em 2006, e depois de terem renunciado à utilização do Teatro Taborda, os Artistas Unidos estiveram instalados no antigo Convento das Mónicas onde estrearam Antonio Tarantino, Juan Mayorga, Vieira Mendes e Gerardjan Rijnders, enquanto noutras salas apresentavam espectáculos de Judith Herzberg, Enda Walsh, Pier Paolo Pasolini, Jesper Halle, Miguel Castro Caldas. Neste ano de 2009, apresentaram duas grandes produções a partir de textos de Luigi Pirandello (*Esta Noite Improvisa-se* e *Seis Personagens à Procura de Autor*) no TNDMII e no TMSL, respectivamente. Além dos espectáculos e da produção de filmes, os Artistas Unidos organizaram exposições de Sofia Areal, Álvaro Lapa, Pedro Proença, Xana, Pedro Chorão, Miguel Ribeiro, Michael Biberstein, Ana Isabel Miranda Rodrigues, Sérgio Pombo, Barbara Lessing, Ana Vieira, Ângelo de Sousa, Manuel San Payo, Ivo.

PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS ARTISTAS UNIDOS

ANA DE JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES > ALMADA (TEATRO MUNICIPAL) / 26 NOVEMBRO A 13 DEZEMBRO

PLENO VERÃO DE DAVID GREIG > LISBOA (TEATRO DA TRINDADE) / 11 FEVEREIRO A 28 MARÇO

REI ÉDIPO A PARTIR DE SÓFOCLES > LISBOA (TEATRO NACIONAL D. MARIA II) / 18 FEVEREIRO A 28 MARÇO

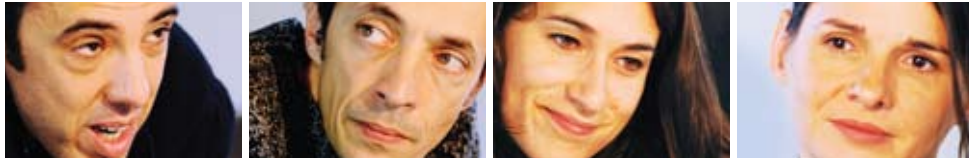
COMEMORAÇÃO DE HAROLD PINTER > LISBOA (CCB) / 21 A 27 MAIO / ALMADA (TEATRO MUNICIPAL) / 10 A 20 JUNHO

QUARTO DE HAROLD PINTER > ALMADA (TEATRO MUNICIPAL) / 10 A 20 JUNHO

>

AUTORIA | **JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES** | Nasceu em 1976 e escreve e traduz para teatro. Foram produzidas, entre outras, as suas peças *Dois Homens* (1998), *Lá Fundo ao Fundo o Rio* (2000), *T1* (2003) e *Se o Mundo Não Fosse Assim* (2004), estas duas últimas publicadas nos Livrinhos de Teatro. Mais recentemente escreveu *Duas Páginas* (2007), *O Averno ou A Última Festa* (2007) e as peças curtas *Proposta Concreta* (2005), *Intervalo* (2006) e *Domingo* (2007). Traduziu teatro de Samuel Beckett, Jon Fosse, Harold Pinter, Duncan McLean, Heiner Müller, Fassbinder e Bertolt Brecht. É um dos responsáveis pela nova edição portuguesa do *Teatro* de Bertolt Brecht nos Livros Cotovia. O seu trabalho no teatro está desde sempre e de vários modos ligado aos Artistas Unidos e também, mais recentemente, ao Teatro Praga. Frequentou, em 2000, a International Summer Residency do Royal Court Theatre de Londres e esteve em 2005 em Berlim com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian.

ENCENAÇÃO | **JORGE SILVA MELO** | Estudou na Faculdade de Letras de Lisboa e na London Film School. Fundou e dirigiu, com Luís Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia (1973/1979). Bolseiro da Fundação Gulbenkian, estagiou em Berlim junto de Peter Stein e em Milão junto de Giorgio Strehler. É autor do libreto *Le Châteaueu des Carpathes* (baseado em Júlio Verne) de Philippe Hersant, das peças *Seis Rapazes, Três Raparigas, António, Um Rapaz de Lisboa, O Fim ou Tende Misericórdia de Nós, Prometeu, Num país onde não querem defender os meus direitos, Eu não quero viver* baseado em Kleist, de *Não Sei* (em colaboração com Miguel Borges) e *O Navio dos Negros, Fala da Criada dos Noailles...* Recentemente compilou textos dispersos no volume *Século Passado* (Cotovia, 2006). Fundou, em 1995, os Artistas Unidos de que é director artístico. Realizou as longas-metragens *Passagem ou a Meio Caminho, Ninguém duas vezes, Agosto, Coitado do Jorge, António Um Rapaz de Lisboa*, a curta-metragem *A Felicidade* e os documentários *António Palolo, Joaquim Bravo, Évora, 1935, Etc., Etc., Felicidades, Conversas com Glicínia, As Conversas em Leça em Casa de Álvaro Lapa, Nikias Skapinakis – O Teatro dos Outros, Álvaro Lapa: A Literatura*. Traduziu obras de Carlo Goldoni, Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Heiner Müller e Harold Pinter.



ACTOR | **ANTÓNIO SIMÃO** | Trabalhou com Margarida Carpinheiro, António Fonseca, Aldona Skiba-Lickel, Ávila Costa, João Brites, Melinda Elteston, Filipe Crawford, Joaquim Nicolau, Antonino Solmer e Jean Jourdeuil. Com os Artistas Unidos trabalha regularmente desde 1995. Criou, em 1997, o espectáculo *Uma Solidão Demasiado Ruidosa* baseado em Bohumil Hrabal. Na APA, produziu e interpretou *Universos* e *Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires e dirigiu *Atendedor de Chamadas* de Finn Junker na Culturgest. No espaço A Capital produziu e interpretou *Agá, o Piolho* de Mark O'Rowe. Nos Artistas Unidos trabalhou como assistente de encenação, actor e encenador em mais de trinta produções. Tem além disso trabalhado em espectáculos para público infantil, nomeadamente no CPA do CCB. É sócio dos AU desde 2006.

ACTOR | **PEDRO LACERDA** | Estreou-se no Grupo de Teatro do IST. Tem o curso de Formação de Actores da ESTC. Tem trabalhado regularmente no Teatro da Cornucópia (*Os Sete Infantes, Sertório, Um Sonho, Quando Passarem Cinco Anos, O Lírio, O Casamento de Figaro, Anatomia Tito, Fall of Rome, Filodemo, Um Homem é Um Homem, Os Gigantes da Montanha*), em encenações de Luís Miguel Cintra, mas também em projectos de Christine Laurent ou Daniel Worm d'Assunção). Tem igualmente trabalhado com Cristina Carvalho, Teatro Praga, Primeiros Sintomas, Nuno Nunes, Teatromosca, Diogo Dória e Elsa Bruxelas, Nuno Cardoso, Joana Craveiro, Francisco Alves, Joaquim Horta, Teatro da Garagem, Teatro da Meia-lua e Sintra 1994. No cinema trabalhou com Jeanne Waltz, Jorge Queiroga, Edgar Feldman, Catarina Ruivo, João Guerra, José Fonseca e Costa, Elsa Bruxelas, Joaquim Leitão. Nos Artistas Unidos participou em *História de Amor (Últimos Capítulos)* de Jean-Luc Lagarce, *Onde Vamos Morar* de José Maria Vieira Mendes, *Esta Noite Improvisa-se e Seis Personagens à Procura de Autor* de Luigi Pirandello.

ACTRIZ | **RYTA BRÜTT** | Inicia a sua formação em teatro em 2001 no Teatro de Carnide, depois do curso do IFICT com Adofo Gutkin, o curso profissional da ACT, e neste momento frequenta o último ano da licenciatura na ESTC. Procura ir complementando a sua formação com alguns *workshops* mais específicos com

João Canijo, Tiago Rodrigues (STAN), Michael Margotta, Marcia Haufrecht, Lúcia Lemos, e outros. Em teatro trabalhou com João Brites, Rogério de Carvalho, Álvaro Correia, Joana Craveiro, Tiago Rodrigues, António Pires na *Ópera do Malandro* de Chico Buarque e em *Say It With Flowers* de Gertrude Stein. Trabalha ainda com Howard Sonenklar, Jean-Paul Buchieri, Luca Aprea. Em cinema, uma participa no *Daqui p'rá frente* de Catarina Ruivo, *O Dez de Paulo Marinou-Blanco* e em curtas-metragens fez *Night Shop* e *O Destino do Senhor Sousa* de João Constandino, *Interrogatório Privado* de Henrique Bento, foi ainda aluna de António-Pedro Vasconcelos, João Canijo e Luís Fonseca. Em televisão, é Isabel na série *Conta-me como Foi*. Nos Artistas Unidos participou em *Seis Personagens à Procura de Autor* de Luigi Pirandello.

ACTRIZ | **SYLVIE ROCHA** | Formou-se no Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral e na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, cujo curso terminou em 1994. Trabalhou com Rogério de Carvalho, Joaquim Benite, Jorge Listopad, Miguel Guilherme, José Martins e José Wallenstein. Com Os Satyros participou em *Woyzeck* de Büchner no Teatro da Trindade. Com Brigitte Jacques trabalhou em *Sertório* de Corneille (Teatro da Cornucópia). Trabalhou com Luís Pais em *Nada do Outro Mundo* de António Cabrita. Com Manuel Wiborg trabalhou em *O Amante de Ninguém* a partir de Dostoiévski e *Universos e Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires. Na televisão participou nas telenovelas *Desencontros, Roseira Brava, Filhos do Vento* e *Os Lobos*. No cinema trabalhou com Pedro Ruivo, Joaquim Sapinho, João César Monteiro, Pedro Caldas, Jacinto Lucas Pires e Jorge Silva Melo. Iniciou a sua colaboração com os AU em 1995.

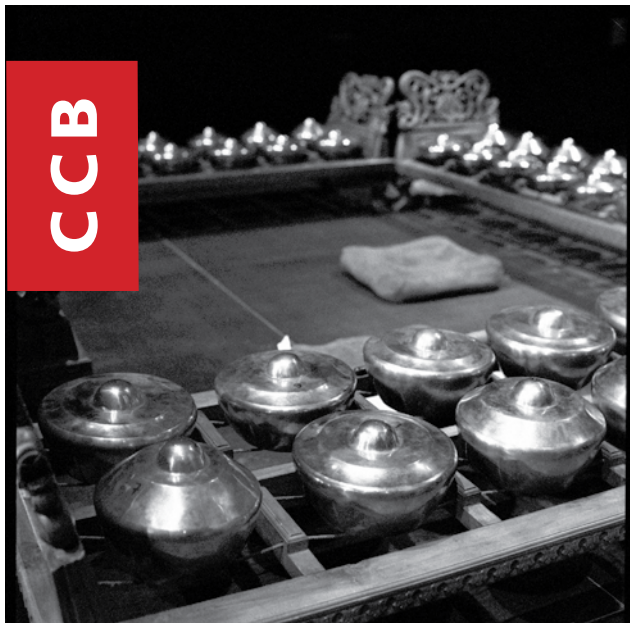
CENOGRRAFIA E FIGURINOS | **RYTA LOPES ALVES** | Trabalhou no guarda-roupa de vários filmes de Jorge Silva Melo, Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa e Cunha Teles. No teatro tem trabalhado com Jorge Silva Melo como cenógrafa e figurinista, desde 1994. Realizou o guarda-roupa de *Universos e Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires para a APA. Tem dirigido os trabalhos de cenografia e figurinos no projecto Artistas Unidos desde 1994.

LUZ | **PEDRO DOMINGOS** | Esteve quatro temporadas no Teatro da Malaposta. Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de todos os espectáculos dos Artistas Unidos. Trabalhou regularmente com a Re.AI e com o Teatro Bábá. Assinou igualmente a luz de *Hotel Orpheu* de Gabriel Gbadamosi (um projecto de Miguel Hurst e Manuel Wiborg), *A Noite É Mãe do Dia* de Lars Norén (encenação de Solveig Nordlund), *Equimoses – Nódos na Cidade* de Rui Guilherme Lopes e Pedro Carraca, *Universos e Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires (APA), *Amok* de Jacinto Lucas Pires (encenação de Luís Gaspar), *De Que Falamos Quando Falamos de Amor* de Raymond Carver (encenação de Cristina Carvalho), *Por Favor Deixe Mensagem* (encenação de João Lagarto), e vários espectáculos de Diogo Dória. É membro do projecto "Teatro da Terra" que apresentou este ano a sua primeira produção, *A Casa de Bernarda Alba* de Garcia Lorca (encenação Maria João Luís). Participa desde o início no projecto Artistas Unidos n'A Capital.

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO | **JOÃO MIGUEL RODRIGUES** | Trabalhou com João Mota, Carlos do Rosário, Aldona Skiba-Lickel, Polina Klimovistkaya e Antonino Solmer, entre outros. Dirigiu e participou como actor em vários espectáculos, entre os quais *Acabar de Vez*, a partir de textos de Stig Dagerman, *A Última Gravação de Krapp* de Samuel Beckett e *Tristão e o Aspecto da Flor* de Francisco Luís Pereira. É um dos fundadores do Teatro de Inverno, onde trabalhou como assistente e actor no espectáculo *Peça Alter Nativa* de Finn Junker, com direcção artística de António Simão, e encenou a peça *Flash-Black* de Denis Mpunga. No cinema participou no filme *Tarde Demais* de José Nascimento e em curtas-metragens de José Barahona. Colabora com os AU desde 2004, tendo desenvolvido funções como assistente de encenação, actor e encenador.

CCB - CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ANTONIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL] . **CENTRO DE ESPECTÁCULOS** DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUISA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR ACESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ PRODUÇÃO INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPES | VERA ROSA | JOÃO MIGUEL RODRIGUES ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA | ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS | LUIS SANTOS | RAUL SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROCA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

CCB



© MIGUEL RIBEIRO

OrchestrUtopica exótica

Uma interacção musical entre o Ocidente e o Oriente
através da surpreendente sonoridade do **Gamelão**

www.ccb.pt

8 bilhetes online: vága o seu bilhete de casa

29 novembro '09

Pequeno Auditório – Sala Eduardo Prado Coelho
17h / M/6 anos

co-produção CCB / ORCHESTRUTOPICA EM RESIDÊNCIA NO CCB

CENTRO ANIMOS CCB

MIC
Agências
ORCHESTRUTOPICA
EM RESIDÊNCIA NO CCB